

## Suicídios: fato social e desenvolvimentismo na base dos atentados contra a vida

## Suicides: social fact and developmentalism on the basis of attacks against life

José Carlos dos SANTOS\*

Márcia Regina RISTOW\*\*

**Resumo:** Há várias formas de abordar o tema suicídio. A academia tem tratado como respostas à desigualdade das estruturas ou como psicopatologias da pessoa. Porém, se olharmos além das letras é possível perceber uma plurisignificação das ações ao invés de comportamentos tipificados. Agricultores do Brasil tem sido alvo de tecnologias produtivas que não levam em consideração estudos de impactos para pessoas e meio ambiente. A Fiocruz, Sinitox e Anvisa, tem alertado para o alto nível de periculosidade de produtos manipulados no meio rural (mas também no urbano) sem as devidas precauções, ou apesar delas. Neste texto é demonstrado um cenário nacional de ocorrências de suicídio motivados pelo uso de químicos na agricultura e um estudo de caso do Oeste do Paraná. Somente no ano de 2008, ocorreram 33 fatos consumados, todos eles na área rural. Através de metodologia específica, recorre-se a dados estatísticos, do registro civil e obituário, e resultados clínicos para mensuração dos dados.

**Palavras-chave:** Suicídio. Multidisciplinaridade. Éthos. Cultura material. Discursos.

**Abstract:** There are several ways to address the issue of suicide. The Academy has been treating it as a response to the inequality of the social structures or as individual psychopathologies. However, if we look beyond the writings, it is possible to perceive that the suicidal actions have multiple meanings instead of revealing typified behaviors. Farmers in Brazil have been the target of productive technologies that do not consider impact studies regarding the people and the environment. Research centers and governmental agencies such as FIOCRUZ, Sinitox and Anvisa have alerted to the high hazard level of the products handled in rural areas (as well as in urban areas) without the appropriate precautions or despite them. The present text demonstrates a national scenario of suicides motivated by the use of chemicals in the agriculture and a case study in the Western region of the state of

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Docente da Graduação e Pós-Graduação *Stricto Sensu* na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, Brasil. [jcarlos@rondotec.com.br](mailto:jcarlos@rondotec.com.br)

\*\* Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. Doutoranda na Pontifícia Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES. Marechal Cândido Rondon, Brasil. [marciaristow@hotmail.com](mailto:marciaristow@hotmail.com)

Paraná. In the year 2008 alone, this area has registered 33 suicides, all of them in the countryside. For the measurement of data, our study resorts to statistics, civil and obituary registries, and clinical outcomes via a specific methodology.

**Keywords:** Suicide. Multidisciplinary. Ethos. Materialistic culture. Speeches.

Recebido em: 22/07/2010. Aceito em: 01/09/2010.

## 1 Introdução

Segundo a literatura, nos últimos 50 anos o número de casos de suicídio aumentou em 60%, principalmente nos chamados “países em desenvolvimento”. Apesar dos poucos índices nacionais – somente a Fiocruz trabalha com índices precariamente produzidos por agências regionais – a OMS calcula que para cada pessoa que comete suicídio, 20 ou mais tentam consumir o ato. Mesmo com a maior parte de tentativas partindo de mulheres, são os homens que mais morrem por suicídio.

Há um movimento internacional liderado pela Organização Mundial da Saúde e pela Associação Internacional para Prevenção de Suicídio, no sentido de evitar a criminalização, estigmatização ou penalização do ato. Para essas instituições, o suicídio é causado por problemas psicossociais, culturais e ambientais que acabam em mortes prematuras e podem ser prevenidos através de ações internacionais, locais e nacionais. Quase sempre, excetuando os casos passionais, a raiz do problema está fundamentada nas relações produtivas, quando essas expõem o praticante e os circunvizinhos a atividades de uso tecnológico, consideradas “seguras” pelas normas jurídicas e econômicas, sobretudo.

Embora a média de mortalidade por suicídio no Brasil esteja longe da de países como Japão, que figura entre as maiores taxas mundiais, alguns estados e capitais brasileiras apresentam índices comparáveis aos desses lugares. Em 2004, a média nacional era de 4,5 mortes por 100 mil habitantes, de acordo com um estudo feito pelo Ministério da Saúde. Ao mesmo tempo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que, no Japão, a média é de 25 mortes por 100 mil habitantes, enquanto que, em países como Espanha,

Itália, Irlanda, Egito e Holanda, é de menos de 10 mortes a cada 100 mil habitantes.

“Quando comparada a média brasileira à de outros países, pode parecer que não há problema”, diz o coordenador do Núcleo de Intervenção em Crise e de Prevenção do Suicídio da Universidade de Brasília (UnB), Marcelo Tavares<sup>1</sup>. “Por localidades, no entanto, existem muitas diferenças, e há lugares em que as taxas são comparadas à gravidade de outros países.”

São conhecidos os casos do Rio Grande do Sul. Um levantamento mostra que, em 2004, o estado apresentava a maior mortalidade masculina por suicídio do país: 16,6 mortes a cada 100 mil homens. Em último lugar vinha o Maranhão, com 2,3 mortes a cada 100 mil homens.

Em relação às mulheres, o Mato Grosso do Sul ocupava o primeiro lugar, com taxa de 4,2 mortes a cada 100 mil mulheres. Em último lugar estava o Rio Grande do Norte, com mortalidade de 0,6 a cada 100 mil mulheres. “Não há uma explicação conclusiva para essas taxas, porque o suicídio é um fenômeno que não depende de uma única causa”, diz a diretora adjunta da faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Blanca Guevara Werlang. Ou seja, a citada autora levanta a tese de que há uma combinação de fatores (biológicos, psicológicos, psiquiátricos, sociais, econômicos e ambientais) que podem levar a pessoa a tirar a própria vida.”<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Membro da Comissão Nacional para Prevenção do Suicídio criada em dezembro de 2005 pelo Ministério da Saúde para desenvolver diretrizes nacionais de prevenção.

<sup>2</sup> WERLANG, Blanca Guevara; BORGES, V. R.; FENSTERSEIFER, L. Índices de potencial suicida na adolescência. *Psicologia Revista São Paulo*, v. 14, n.1, p.41-57, 2005.

O psiquiatra Carlos Felipe Almeida, coordenador das Diretrizes Nacionais de Prevenção do Suicídio, do Ministério da Saúde, pondera que também existem diferenças entre regiões, faixa etária, gênero e até etnias. “Há lugares que têm mais fatores de risco ao suicídio, como o uso abusivo de álcool e drogas. Em contrapartida, há outros que têm mais fatores de proteção, como qualidade de vida.”

Em relação aos indígenas, por exemplo, Almeida diz que, em todas as etnias, as taxas são altas, o que eleva os índices nos locais onde vivem essas populações. “A taxa em Dourados, no Mato Grosso do Sul, é elevada por causa da mortalidade entre os Guarani-Kaiowá.”

Segundo ele, o mesmo acontece, por exemplo, em Macapá, que, em 2004, liderava o ranking de mortalidade por suicídio masculino entre as capitais: 13,6 mortes a cada 100 mil homens. “Como no Amapá cerca de 70% da população vive na capital, é natural que lá o índice seja maior que entre outras cidades do estado. Se fizermos uma intervenção ali, é provável que esse índice diminua.” Mormente seja possível divergir do ponto de vista metodológico, o mesmo não se pode afirmar sobre a realidade dos acontecimentos. Há múltiplas causas na raiz dos atos suicidas.

O autor cita, ainda, outro exemplo: no Brasil, a mortalidade por suicídio na população idosa tem mantido patamares elevados ao longo dos anos, mas há um aumento nas populações mais jovens. “Esse é um fenômeno mundial, que não está acontecendo apenas aqui”, afirma Werlang. E mais: “No país, o que tem aumentado são as taxas que envolvem as faixas etárias entre 15 e 29 anos [...]” Ressalta-se que essa faixa etária envolve a população jovem do Brasil que está em período de formação escolar/universitária e ingressando no mercado de trabalho.

A atividade produtiva tem merecido grande destaque nas pesquisas, especialmente no território brasileiro. De um lado estão estudos centrados na vida urbana, que remonta aos centros “históricos” do país, como São Paulo, Rio e Minas Gerais. Por outro, de centros “novos”, cujas atividades produtivas estão se estruturando ou sofreram grande aceleração motivadas, quase sempre, por adoção de tecnologias novas.

Nossa pesquisa enfoca o trabalho produtivo de agricultores no Oeste do Paraná. Procura-se o levantamento de dados buscando responder à lacuna produzida pelas agências regionais, diante do enfrentamento de estruturas/reestruturas de uma economia local. Dados preliminares dão conta de que há uma grande incidência de morte e tentativas, bem como de acidentes ocasionados no decorrer do trabalho produtivo. O índice de intoxicação – registrado a partir dos dados Hospitalares e da Regional de Saúde - dá conta de que o trabalho produtivo naturalizou práticas de uso de tecnologias químicas (os fertilizantes, os pesticidas, os herbicidas, etc.) que além de males imediatos, ainda causam doenças progressivas e infertilidades. Essas ocorrências são progressivamente agravadas pelo quadro da experiência antropológica, ou seja, a adoção de racionalidades produtivas ocasiona uma “pressão” sobre o éthos familiar e individual. A forma como essa interferência na identidade pessoal é resignificada pode ser um fator de acomodação ou de conflito.

## **2 Características de uma cultura do trabalho no Oeste do Paraná**

A região Oeste do estado do Paraná foi efetivamente ocupada a partir do final da Primeira Guerra Mundial. Embora iniciativas de defesa territorial ocorressem desde as primeiras manifestações dos bandeirantes, a fronteira entre Brasil e Paraguai foi relegada a segundo plano, mesmo pós-conflito com aquele País, que tinha como finalidade, justamente, ocupar o vazio demográfico (e político) do extremo das linhas limítrofes. A ocupação ocorrerá através da organização oficial e privada de assentamentos de colonos europeus. A atividade produtiva com a exploração do solo foi motivada por recursos oficiais, individuais e de empresas privadas nacionais e internacionais. A modificação da paisagem natural ocorreu com, primeiramente, ações extrativistas (erva-mate, madeira) e posteriormente com a prática da agricultura.

Um modelo de Desenvolvimento Regional fundamentou um imaginário de “celeiro do Brasil”. Costuma-se afirmar que “aqui o Brasil deu

certo". Criou-se uma cultura do trabalho que fundamentou práticas e representações (ações oficiais, disciplinas produtivas, adoção tecnológica). Contudo, essa disciplina produtiva produziu efeitos colaterais os mais diversos. Dispensam comentários os abusos cometidos com o meio ambiente, assim como a adoção de tecnologias produtivas como a modificação genética de sementes, DNA de frangos, suínos, bovinos. Nosso foco é demonstrar a radicalidade da adoção dessa cultura regional contra a vida do próprio homem: os dados sobre suicídios.

O agricultor local, homem laboral, ítalo-germânico em sua maioria, católico ou protestante (outras religiões vivem periféricamente), de iniciativa, investidor (assume riscos), tem recorrido a essa prática justamente no interior de uma imaginação social em que a felicidade (financeira, tecnológica, produtiva, religiosa, familiar) é a meta e, segundo o marketing, está ao alcance de todos. Esse sujeito inovador também morre. As representações do ser laboral não resistem ao mundo fático.

Os dados preliminares, coletados no Instituto Médico Legal de Toledo, registram 48 suicídios entre janeiro de 2007 e março de 2008. Na década de 1980, período que coincide com a adoção de tecnologia química, esses números demonstravam uma média de 1,7 casos ao mês, no município de Marechal Cândido Rondon. Foco de nossas pesquisas há cinco anos, esses dados preliminares demonstram outras faces de uma cultura do trabalho. Uma face não pesquisada, em termos de modificação da cultura (ou criação), diante de impactos de adoção tecnológica.

Há muitas fontes de registro, como os hospitais locais, assim como o Hospital Universitário da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, além dos IMLs de Cascavel e Foz do Iguaçu e as Regionais de Saúde do Oeste (Cascavel, Assis Chateaubriand e Foz do Iguaçu). Esses locais são acervos de uma memória mórbida do desenvolvimento regional. Precisam ser compreendidos em uma "lógica" de um discurso sobre desenvolvimento regional que, de um lado, demonstra

ações edificadoras impactantes movimentando a economia e a vida social em todos os aspectos, e, de outro, os próprios indicadores de crescimento e "desenvolvimento regional" demonstram não se preocupar (por lógico) em mensurar ou mesmo reconhecer ações impactantes negativas. O suicídio entre agricultores é um índice negativo que precisa ser tratado como efeito da adoção tecnológica e da modificação do *éthos* do homem regional.

Estudos da década de 1980 já apontavam para o alto índice de suicídios entre agricultores no Paraná. Na região Oeste do Paraná, essa década coincide com a modernidade no campo: produção extensiva, mecanização, cooperativismo e adoção de agroquímicos (ver Quadro 2). O trabalho produtivo do campo, embora revestido do componente moral (VELHO, 1997; BRANDÃO, 2004), na atual modernidade sofre impacto do industrialismo que, sincreticamente, muda as características da cultura, causando grande desenraizamento cultural.

De modo especial, o agricultor local é alvo dessa pluralidade cultural: ancorado em um fundamentalismo religioso (a terra como mãe nutridora, a ética do labor) do trabalho como dignidade da pessoa, interage com a modernidade produtiva. A modernidade é, por sua vez, uma maquinaria economicista que exige respostas rápidas na troca de mercadorias e usos de maquinários e técnicas agroquímicas. Nessa competitividade – o contexto cultural rural – a vida, ou a existência, está quase sempre em jogo, seja pela periculosidade da atividade, seja pelo aspecto de ameaça ao *éthos* da pessoa.

A imagem do ser laboral encontrou fundamentos em uma cultura do trabalho. As práticas políticas, gestoras do espaço (colonização, defesa de fronteiras, territorialidade) desde a criação do estado do Paraná, – 1853 – foram focadas na qualidade da terra e do homem produtor europeu. Ítalo germânico e terra roxa circularam o imaginário da prosperidade, fundamentando ações definidoras de seu próprio discurso. Colonização, assentamentos, divisão territorial, criação do Território Federal, vias de transpor-

te, serviços militar, geração de energia (Itaipu Binacional), se deslocaram nesse imaginário, resultando em ações efetivas de intervenção/organização do espaço local.

O estado do Paraná produz em torno de 26% dos grãos nacionais (milho, soja, granola, girassol). Incansavelmente, o imaginário o nomeia de “celeiro do Brasil”. Para atingir tal meta produtiva, 70% da cobertura vegetal foi removida para prática agrícola; são 295 mil pequenas e médias propriedades somente no Oeste<sup>3</sup> (SEBRAE, 2005), em um espaço onde vivem 1.138.582 pessoas;<sup>4</sup> três municípios do estado estão entre os 10 maiores produtores de alimentos do Brasil. Porém, os mesmos dados (SEBRAE, 2005) demonstram que, para se atingir tal meta produtiva é feito hoje o uso de 14 litros de agroquímicos *per capita*, muito além do recomendado pela OMS, que é de 2,8 litros.

Outro dado precisa ser considerado. Há ainda o grande agravante de ser o Paraná estado fronteiriço com o Paraguai. Pela fronteira, entram produtos proibidos pela legislação nacional, como é o caso do BHC e do DDT. (Delegacia da Polícia Federal, Foz de Iguaçu).

As estatísticas de saúde demonstram o desastre do uso indiscriminado de agrotóxico:

envenenamento, loucura, suicídio, tuberculose, cegueira, deformações genéticas. Dados da Fundação Fiocruz dão conta que, em 2002, na região Sul do Brasil, houve 2.047 casos de intoxicação humana por agrotóxico de uso agrícola, 549 por agrotóxico de uso doméstico, 304 por uso incorreto de produtos veterinários. Animais também sofreram sérias consequências segundo os dados oficiais. Foram 117 mortes causadas por agrotóxicos de uso agrícola, 58 por agrotóxicos de uso doméstico e 113 por uso de produtos veterinários. Se somados, temos: total intoxicação: 2.900 (297 casos/mês); total óbito: 288 (24 óbitos/mês).

Embora seja visível uma queda no ano de 1991 (que pode ter sido falha metodológica), houve um significativo crescimento dos casos de intoxicação humana. Os dados aqui registrados vêm de encontro aos colhidos sobre o desenvolvimento/enraizamento da modernização agrícola, que passou a primar pelo volume de produção, motivando-se na formação de um mercado agrícola mundial, cujas *commodities* valorizaram e criaram grande movimento humano no meio rural, em função desse novo mercado.

Esse movimento pode ser mensurado pelos números apurados pelo Sinitox para a próxima década:

Casos registrados de intoxicação humana por agrotóxicos de uso agrícola, agrotóxicos de uso doméstico, produtos veterinários e raticidas									
Região/UF	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
<b>SUL (S)</b>	<b>2438</b>	<b>2471</b>	<b>2628</b>	<b>2712</b>	<b>2908</b>	<b>2935</b>	<b>3654</b>	<b>3836</b>	<b>3720</b>
<b>Paraná</b>	471	473	526	427	701	660	739	728	675
<b>Santa Catarina</b>	484	530	577	179	531	622	771	1038	1024
<b>Rio Grande do Sul</b>	1483	1468	1525	889	1676	1653	2144	2070	2021

### Quadro 1 - Números Apurados Pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox) Entre 1995 e 2003

Fonte: FIOCRUZ/SINITOX

<sup>3</sup> 59 municípios estão na abrangência territorial da região Oeste do estado. São os principais em população e produção: Cascavel, Foz de Iguaçu, Toledo, Marechal C. Rondon e Assis Chateaubriand. Nesses municípios, 87% das propriedades são caracterizadas como pequenas, ou seja, que tem 50 alqueires e menos.

<sup>4</sup> Dados fornecidos pelo IBGE, segundo a recontagem feita em 2007. A população geral do estado é de 10.284.503. A extensão territorial do estado é de 199.314,850 km<sup>2</sup>.

Dos 542 casos registrados em 1993, houve um crescimento de 133 casos, uma década depois, ou seja, em 2003, foram registrados 675 casos de intoxicação, um crescimento de 24,5%.

Em 2005, o quadro foi composto da seguinte forma:

**Tabela 1** – Casos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Zona de Ocorrência. Região Sul, 2005.

AGENTE	ZONA			Total	
	Rural Nº.	Urbana Nº.	Ignorada Nº.	Nº.	%
Medicamentos	268	9208	190	<b>8666</b>	<b>28,62</b>
Agrotóxicos de uso agrícola	823	1010	58	<b>1891</b>	<b>6,24</b>
Agrotóxico de uso doméstico	73	1172	33	<b>1278</b>	<b>4,22</b>
Produtos Veterinários	54	295	09	<b>358</b>	<b>1,18</b>
Raticidas	61	950	30	<b>1041</b>	<b>3,44</b>
Domissanitários	72	2214	61	<b>2347</b>	<b>7,75</b>
Cosméticos	04	317	09	<b>330</b>	<b>1,09</b>
Produtos Químicos Industriais	94	1667	43	<b>1804</b>	<b>5,96</b>
Metais	03	97	07	<b>107</b>	<b>0,35</b>
Drogas de Abuso	09	341	23	<b>373</b>	<b>1,23</b>
Plantas	47	589	19	<b>655</b>	<b>2,16</b>
Alimentos	04	38	-	<b>42</b>	<b>0,14</b>
Animais Peçonhentos/serpentes	1231	359	43	<b>1632</b>	<b>5,39</b>
Animais Peçonhentos/aranha	627	2483	118	<b>3228</b>	<b>10,66</b>
Animais Peçonhentos/escorpiões	89	354	14	<b>457</b>	<b>1,51</b>
Outros Animais Peçonhentos/venenosos	606	2736	178	<b>3520</b>	<b>11,62</b>
Animais não peçonhentos	364	814	63	<b>1241</b>	<b>4,10</b>
Desconhecido	88	389	67	<b>543</b>	<b>1,79</b>
Outro	46	711	11	<b>768</b>	<b>2,54</b>
<b>TOTAL</b>	<b>4563</b>	<b>24742</b>	<b>976</b>	<b>30281</b>	<b>100</b>
<b>%</b>	<b>15,07</b>	<b>81,71</b>	<b>3,22</b>	<b>100</b>	

Fonte: adaptado pelo autor de SINITOX/FIOCRUZ

Considerando os números totais de intoxicação por agrotóxicos agrícolas e domésticos, foi um total de 3.169 casos.

Essas fontes podem fornecer um quadro nosográfico completo da incidência dos casos de intoxicação, suicídio e tentativa de suicídio no meio rural, mediante o uso de agrotóxicos agrícola, doméstico, veterinário e outros meios. Poderá fornecer importante quadro de estudos sobre o éthos do homem rural, mediante importante quadro antropológico a respeito das causas sociais da prática de suicídio.

É importante ressaltar que há previsão legal quanto ao acompanhamento da saúde do trabalhador rural. A NBR – NR 7 – Programa de controle médico de saúde ocupacional e a Portaria nº. 3.214, de 08/06/1978, do Ministério do

Trabalho, preveem que a periodicidade para a realização da análise da colinesterase eritrocitária, colinesterase plasmática ou colinesterase eritrocitária e plasmática (sangue total) seja, no mínimo, semestral. Em levantamento feito na Saúde Pública nos três principais municípios da região Oeste do estado – Cascavel, Foz do Iguaçu e Marechal C. Rondon, não foi encontrado qualquer registro em cumprimento ao estabelecido.

Segundo os mesmo registros do Sinitox, para o ano de 2008, houveram 1.937 ocorrências – somados os suicídios com uso de agrotóxicos agrícola e agrotóxicos de uso doméstico. Uma redução de 1.232 ocorrências, em três anos, fruto, possivelmente de apertos e informações legislativas no meio rural. Contudo, os dados

gerais – nacional – registraram ainda algo de sinistro, segundo informou o próprio órgão: “Os novos números divulgados pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox) da Fiocruz registraram mais de 100 mil casos de intoxicação humana e quase 500 óbitos registrados pelos centros de Informação e Assistência Toxicológica em todo o país”. (SINITOX, 2009).

Esse é um quadro que demonstra o acesso e uso de tecnologias produtivas. Também demonstra o acesso, no meio rural e urbano, de produtos químicos pela população que, escondidos em rótulos de produto de massa, seguro e eficiente, produzem efeitos nocivos. Nesse mesmo condão, podemos enumerar os casos de doenças provocadas pelo excesso de químicos, uso inadequado de medicamentos, domissanitários, veterinários, dentre outros. De modo especial no meio rural, os agroquímicos são utilizados para ceifar ervas daninhas, na mesma medida em que são utilizados para ceifar a vida.

### 3 Desenvolvimento e suicídio

A relação homem natureza tem recebido grande atenção na atualidade. Parece haver indicativos fundamentados para repensar modelos de desenvolvimento e conceitos lapidados no final do século XIX para todas as áreas de conhecimento, especialmente as referentes aos modelos gestores da economia e do comportamento humano. Segundo Enrique Leff, (1988, p.32) “é preciso repensar os parâmetros do desenvolvimento. Esses estão fundamentados na exploração de recursos naturais e tidos como renováveis [...] a economia se sobrepõe a outros tipos de saberes”. Nessa linha também podem ser elencados Morin, (1973) e Wilson (1975).

Nesse movimento racional de reavaliação, o meio ambiente figura como elemento fundamental para pensar a conservação dos recursos naturais, na preservação da biodiversidade e na solução dos problemas da contaminação do ambiente. Uma visão ecossistêmica, que recoloca o homem no interior de uma interdependência às suas ações interventivas.

O homem rural – ou a vida rural – é um ambiente em que se deixa vislumbrar esse teatro de saberes, porque reúne a interposição/justaposição de fontes diversificadas de conhecimento. Um sincretismo cultural reúne saberes tradicionais e saberes científicos numa trama que envolve a vida, transformando e recriando o éthos rurícola. As características culturais do Oeste do estado do Paraná é um desses palcos de confronto entre o tradicionalismo e a modernização que se operou, não somente aqui, mas em todo o Brasil em períodos diferentes.

Na contemporaneidade, fortemente marcada pela maquinaria econômico/estatal, os suicídios não estão mais fortemente ligados aos costumes e/ou à honra. Motivações financeiras, desmotivações quanto ao não cumprimento de obrigações – especialmente as financeiras, no sustento de alimentados, são indícios determinantes, maiores que aqueles. Em culturas mais tradicionais, como no caso de agricultores ítalo-germânicos, católicos ou protestantes, essa prática resulta num sincretismo cultural entre fé e compromisso social. Se, por um lado, a religião condena o atentado contra a própria vida, por outro, fortalece o justo trabalho, o justo ganho e a honorabilidade quanto ao compromisso social. Uma ética do trabalho se desloca entre satisfação da moral e a honra de compromissos firmados com instituições e com pessoas. A quebra desse “acordo tácito” pode resultar em ações de atentado contra a própria vida.

### 4 O processo histórico do Oeste do Paraná

Essa mudança tecnológica propiciou a ocupação de novas áreas e reestruturação das tradicionais, bem como o início de uma diversificação de produtos. Socialmente falando, criou-se um deslocamento do éthos, desenraizando um *modus vivendi* e, inclusive, forçando o deslocamento humano do campo para a cidade. A desagregação familiar afastou os indivíduos não somente econômica, mas religiosa e socialmente. Esse fator pode ser medido pelo grande crescimento populacional demonstrado pelos censos, relativos às principais cidades do Oeste. No entanto, uma concentração urbana que manteve sua vida ativa

vinculada ao modelo agrícola. (MOURA; MAGALHÃES, 1996).

O Oeste passou a ser um receptor de imigrantes, através da atração sulista, lembrando uma velha expressão de Silva (1981, p. 90) ante uma “modernização dolorosa” da agricultura no Brasil:

A agricultura tem uma particularidade fundamental em relação à indústria: o meio de produção fundamental – a terra – não é suscetível de multiplicação ao livre arbítrio do homem. A sua distribuição torna-se, assim, o pano de fundo sobre o qual se desenrola o processo produtivo: compreender o que é a estrutura agrária significa, em outras palavras, entender o papel de um dos condicionantes básicos da produção agrícola. Exatamente por ser a terra um meio de produção relativamente não reprodutível, a maneira como se dá sua apropriação inicial, ou seja, a sua ocupação histórica, é de fundamental importância. Nesse sentido, a região Sul – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – apresentou particulari-

dades visíveis em relação às demais regiões do país, dada a importância que assumiu a pequena propriedade na sua colonização.

Segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), o Paraná, que havia experimentado as mais altas taxas de incremento demográfico no período de 1960 a 1970, se transforma no estado que contribuiu com a maior parcela de emigrantes internos oriundos do Extremo Sul do Brasil, destacando-se como a Unidade da Federação de maior crescimento populacional do Brasil. Uma realidade que se inverte a partir dos anos 1980, com a tecnificação agrícola.

O deslocamento, as atividades sociais, religiosas e produtivas estão aí essencialmente ligadas. Neste outro quadro, o adensamento populacional demonstra o esvaziamento do campo, em função do alto crescimento urbano, a partir da década de 1980.

Ano do Censo	População Urbana			População Rural			População Total	
	Total Urbano	% no total da Pop. Regional	Densidade Demográfica (hab/km <sup>2</sup> )	Total Rural	% no total da Pop. Regional	Densidade Demográfica (hab/km <sup>2</sup> )	Total Geral	Densidade Demográfica (hab/km <sup>2</sup> )
1970	149.516	19,87	6,53	602.916	80,13	26,32	752.432	32,85
1980	484.504	50,43	21,15	476.225	49,57	20,79	960.729	41,94
1991	728.126	71,67	31,78	287.803	28,88	12,56	1.015.929	44,35
1996	832.691	77,20	36,35	245.893	22,80	10,73	1.078.584	47,08
2000	929.092	81,60	40,56	209.490	18,40	9,14	1.138.582	49,70

## Quadro 2 – Mobilidade

Fonte: IPARDES

O Quadro 2 demonstra a densidade progressiva e agressiva de uma década a outra: de 6,53 hab/km<sup>2</sup> em 1970 a 21,15 na década seguinte; no meio rural, a inversão registra justamente o êxodo provocado pela tecnologia produtiva: em 1970 registrou-se uma densidade de 26,32 para, na década seguinte, o decréscimo a 20,79 hab/km<sup>2</sup>.

O desencanto humano com as ideologias, a vida complexa das grandes cidades, o desemprego, a criminalidade, o medo da violência são fatores sociais que influenciam na “taxa social do suicídio”<sup>3</sup>. Também, fatores mais particula-

res como a desagregação familiar, as doenças e *passionismo* têm destaque como *causa mortis* do homem moderno. Esse grande movimento de pessoas não significou somente uma mudança de ambiente. Houve uma perda de identidade, de jogos dos costumes, de saberes. (SOUSA SANTOS, 2005).

Benjamin et al. (1998), referindo-se à crise rural brasileira, apontam, dentre outros aspectos, a desestruturação da policultura, que levou enormes contingentes de pequenos proprietários à ruína e ao deslocamento de trabalhadores rurais. Tais mudanças trouxeram consequências decisivas aos padrões de morbidade e de mortalidade das populações, onde se inclui um

<sup>3</sup> Expressão cunhada por Émile Durkheim.



aumento significativo de ocorrência de doenças cardiovasculares e mentais em trabalhadores rurais, assim como de acidentes de trabalho com máquinas e com a exposição aos agrotóxicos. (POSSAS, 1984).

No universo dos problemas de saúde descritos pelos próprios trabalhadores rurais são frequentes as queixas de “nervoso” (ROZEMBERG, 1994; FARIA, 2000; GOMES, 2000), bem como vem ocorrendo nas sociedades contemporâneas como um todo, como tem demonstrado a Organização Pan-americana de Saúde (1996) e Duarte (1989) sobre trabalhadores urbanos.

Cabe destacar importante pesquisa de campo sobre saúde pública no meio rural, feita por Yvonne Elsa Levigard (Escola Nacional de Saúde Pública) e Brani Rozemberg (Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas e Fiocruz), sobre as queixas de “nervos” (nervosos) no meio rural. Nesse estudo afirmam que

[...] o levantamento bibliográfico realizado revelou que o nervoso é uma categoria semântica plástica, que transcende os enquadres biomédicos ou psicopatológicos, abrangendo

as relações entre a corporalidade e as dimensões da vida social, enlaçando manifestações pessoais e coletivas, ideológicas, religiosas e emocionais. A compreensão do modo como às vivências do nervoso são referidas no cotidiano possibilita estabelecer um elo entre as queixas individuais e as tensões sociais, assim como outros determinantes presentes na organização do trabalho, da saúde e do ambiente dos grupos que estão vivendo o problema. (LEVIGARD; ROZEMBERG, 2004).

As pesquisadoras encontraram semelhança entre as queixas clínicas e as queixas demonstradas por agricultores com manifesta intoxicação crônica. A preocupação com esse tema resultou da constatação de semelhanças entre o quadro vago e indefinido das queixas clínicas, nos casos de intoxicação crônica, com aquelas queixas descritas como “problema de nervos” por agricultores.

Na sequência, a composição de um quadro nosográfico com descrição comportamental perante o uso de agroquímicos e a manifestação dos “nervos” relatadas pelos pesquisados.

**Tabela 2** – Comparação entre sintomas e sinais para o “problema de nervos” e para a intoxicação por agrotóxicos

Manifestações de intoxicação por agrotóxico *	Sintomas relatados por agricultores para definir “problemas de nervos” **	Sintomas relatados por agricultores intoxicados por agrotóxicos ***
<ul style="list-style-type: none"> <li>Dor de cabeça</li> <li>Vertigens</li> <li>Falta de Apetite</li> <li>Falta de forças</li> <li>Nervosismo</li> <li>Dificuldade para dormir</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Zonzeira/tonteira/rotação/vista escura/tremores</li> <li>Não consegue dormir</li> <li>Fraqueza/cansaço/falta de forças</li> <li>Dor no corpo/corpo moído/corpo machucado</li> <li>Dor de cabeça/dor no cérebro</li> <li>Tormento na mente/vozes na cabeça/“idéia leve”</li> <li>Quedas/desmaios/convulsões/perda de consciências</li> <li>Não consegue comer</li> <li>Vômito/nojo</li> <li>Disparo do coração/dor no coração</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tonteira</li> <li>Dor de cabeça</li> <li>Dor no corpo</li> <li>Visão turva</li> <li>Dor de coluna</li> <li>Dor de Estomago</li> <li>Queimação</li> <li>Falta de ar</li> <li>Vômitos</li> <li>Urticária</li> <li>Tremores</li> <li>Cansaço</li> <li>Pressão Alta</li> <li>Problemas de fígado</li> </ul>

\* Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde.

\*\* ROZEMBERG, op cit.

\*\*\* CASTRO, op. Cit.

Fonte: Produzido e divulgado pelos autores

Outras anotações da literatura médica demarcam o indício de um nexos associativo entre agentes químicos e tipicidade sintomatológica. Possas (1983, p. 16) afirma que:

[...] os acidentes causados por agentes químicos referem-se apenas a casos agudos [...]. Os casos crônicos que constituem a maior demanda nos serviços médicos [...] são pacientes com sintomatologia vaga, como cefaléia difusa, mal estar geral, epigastralgia, inapetência etc., que à primeira consulta são tratados como casos de verminose e anemia e, após a segunda e terceira consultas, são rotulados como “psíquicos” ou “nó cego” pelos chefes de turma, pois não conseguem trabalhar direito. Na verdade, são pacientes com intoxicação crônica, em sua maioria expostos a inseticidas.

Também Faria et al. (2000, p. 65), em estudo epidemiológico com trabalhadores rurais na Serra Gaúcha, conseguiram demons-

trar quantitativamente que “a intoxicação por agrotóxicos apresentou uma forte associação com transtornos psiquiátricos menores”, denominação dada aos “problemas de nervosismo” ou “problemas de tristeza e desânimo em algum momento da vida”.

### 5 Dados preliminares sobre ocorrências no Oeste do estado

Em pesquisa de campo, tomando como fonte o Instituto Médico Legal de Toledo, a Regional de Saúde e Inquiridos da Polícia Civil, alguns dados demonstrativos da realidade local são significativos. O IML atende atualmente a 21 municípios da microrregião do Oeste do Paraná. Portanto, os números a seguir são demonstrativos de sua abrangência e não somente do município sede.

Ano	1994	1995	2006	2007	2008	2009
<b>Masculino</b>	12	22	14	22	27	04
<b>Feminino</b>	06	04	03	04	06	00
<b>Total por ano</b>	18	26	17	26	33	04

### Quadro 3 – Números demonstrativos da pesquisa

Fonte: produzido pelo autor

Ressalta-se que, no ano de 2009, a pesquisa explorou somente o mês de janeiro, onde houve quatro ocorrências. Embora incompleta a série de uma década, observa-se que há uma tendência de crescimento, inclusive ultrapassando a média nacional. A mesorregião do Oeste Paranaense tem uma área total de 22.851,003 km<sup>2</sup> e uma população de 1.306.164 habitantes, distribuídos em 50 municípios. A microrregião de Toledo, área de abrangência do IML, tem uma área 8.754,994 km<sup>2</sup> e uma população de 375.903. (IBGE, 2009). Se dividirmos por 100 mil, teremos uma ocorrência de 8,8 casos. Essas ocorrências colocam a microrregião com índices acima da média nacional que, como citado acima, é 4,5 casos por 100 mil habitantes, criando um parâmetro negativo que se iguala a taxas mundiais de ocorrências.

Outra análise, que os dados demonstram para reflexão, é a divisão dos suicidas por sexo e idade. Na tabela seguinte, percebe-se:

Tabela 3 – Divisão por sexo e idade

Ano	Sexo	
	Masculino	Feminino
1994	12	06
1995	22	04
2006	14	03
2007	22	04
2008	27	06
2009	04	00
Total por sexo	101	23
<b>Total do período</b>	<b>124</b>	

Fonte: produzida pela autor

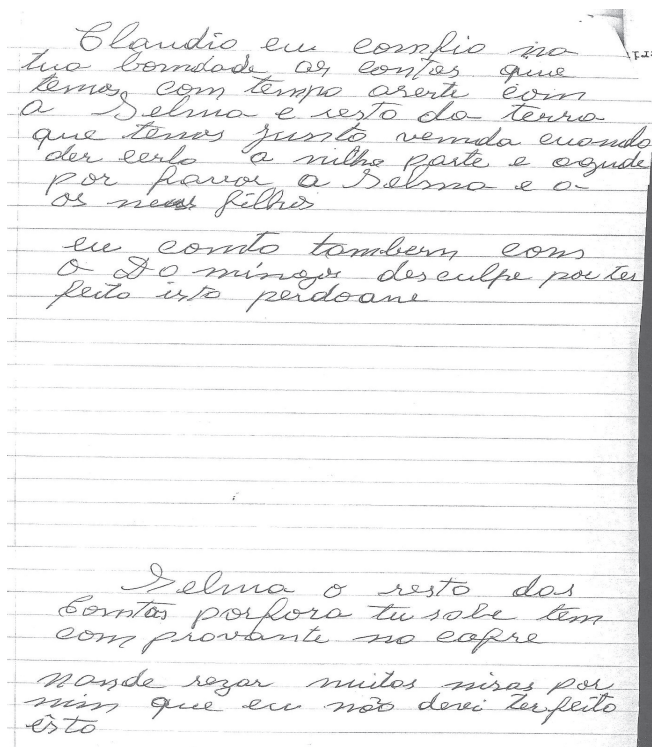
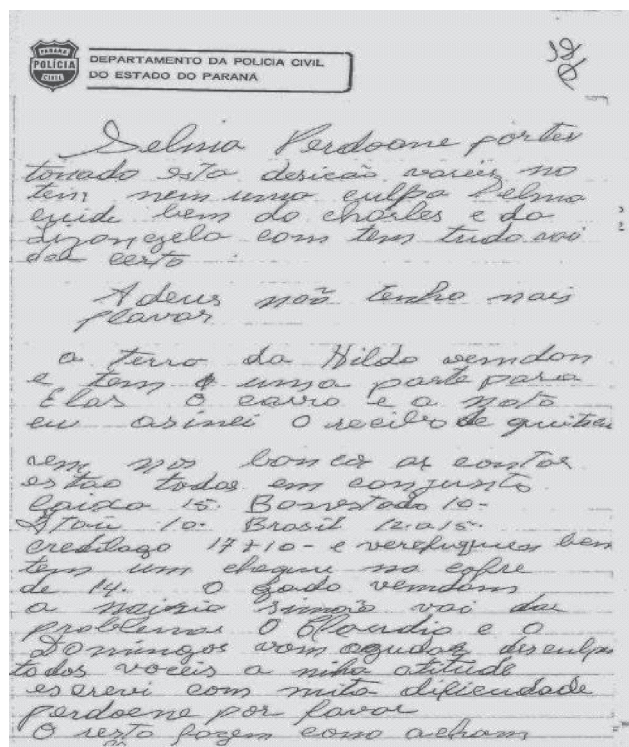
No ano de 2008, dentre as 33 ocorrências, 27 eram homens contra seis mulheres; em 2007, 22 homens e quatro mulheres. Essa realidade se repete em todas as séries. Essa característica demonstra traços da cultura local, em que a administração do lar faz parte de raízes culturais que perpassam pela economia, pela religião e pela distribuição das funções na cultura familiar. Por outro lado, é notável o quanto essa mesma estrutura modula um éthos do ser agricultor local. Esses elementos não são apenas traços, mas elementos simbólicos fundamentais ordenadores da existência individual e coletiva. (BOURDIEU, 2003).

São esses elementos ordenadores aqueles que serão atingidos pelo ordenamento econômico da modernidade. Homens e mulheres foram, conforme os dados elencados, atingidos pela mo-

dernização produtiva em que a máquina contras- tou com a força braçal e animal. O boi ou o cavalo passaram, inclusive pela literatura, contos e artigos jornalísticos, a serem considerados como signos do atraso. O caipira ou colono, com seu chapéu de palha e cigarro de fumo de corda no canto da boca, como o Jeca Tatu do interior do Paraná.

Há outras fontes que demonstram esse ser laboral atingido pelo ordenamento do saber científico – tecnológico, integrador, nacional. Os suicidas, em grande maioria, antes da prática do ato, têm por hábito deixar comunicações para os filhos, esposa, marido, amigos, dentre outros. Nessa carta, seu autor, o Senhor “X”, deixa evidente os laços de amizade, de fraternidade familiar e de desejo de que, mesmo saindo o autor de cena, o éthos dos sujeitos fosse mantido.

Figura 1 – Carta



Fonte: Polícia Civil de Marechal C. Rondon

**TRANSCRIÇÃO:** (de forma fiel ao manifesto no manuscrito pelo “Sr. X”)

Selma perdoe por ter tomado esta decisão, vocês não tem nenhuma culpa. Selma cuide

bem do Charles e da Lisangela, com tem (sic) tudo vai dar certo.

Adeus não tenho mais palavras

A terra do Hildo vendam, e tem uma parte para

Elas o carro e a moto eu asinei (sic) o recibo de quitação

Tem nos bancos as contas estão em conjunto. Caixa 15; Banestado 10, Itaú 10, Brasil 12 a 15; credilago 17710 - e verifiquem bem tem um cheque no cofre de 14. O gado vendam a maioria senão vai dar problemas O Cláudio e o domingos vom (sic) ajudar desculpem todos vocês a minha atitude

escrevi com mita (sic) dificuldade perdoe-me por favor

O resto fazem como acham, Cláudio eu confio na tua bondade; as contas que temos com o tempo acerte com a Selma, o resto da terra que temo junto vendam quando der certo o milho e ajude por favor a Selma e os meus filhos,

Eu conto também com o Domingos, desculpem por ter feito isto, perdoame.

Selma o resto das contas por fora você sabe, tem comprovante no cofre

Mande rezar muitas missas por mim porque eu não devia ter feito isso.

A imagem de bom pai parece transcender à própria morte. O autor está prestes a perder a existência. Mas não lamenta isso, embora reconheça que não devia fazê-lo; remete esse ato a “acertar” no além, mediante a reza de “muitas missas”. Mas, socialmente, seu papel de bom pai deve prevalecer e sobreviver: prover os filhos, a esposa e os amigos. Há recursos, capital e patrimonial, que garantem essa sobrevivência.

O inquérito policial apurou como causa da morte: dívidas contraídas em uma safra frustrada. Esse foi apenas mais um caso dentre os 33 registrados no IML de Toledo.

Contudo, a região continua contribuindo com a produção regional de grãos – índice em torno dos 22%. As máquinas continuam ceifando no campo; os agroquímicos sendo aplicados. Enfim, a vida continua; e a morte parece espreitar.

Os hospitais continuam a registrar um grande movimento de pessoas com distúrbio psiquiátrico, envenenamento, óbitos por suicídio, abortos, cânceres e baixa fertilidade masculina e feminina. Esses são traços do desenvolvimento regional. Em 2008, foram 1.239 óbitos por envenenamento e lesões. (DATASUS, 2008).

## 6 Considerações finais

É oportuno lembrar as palavras de Boaventura de Sousa Santos (2005), quando suas pesquisas apontaram para a América Latina e seu modo de desenvolvimento econômico. Afirmou ele que

[...] o argumento em favor de privilegiar uma forma de conhecimento que se traduzia facilmente em desenvolvimento tecnológico teve de confrontar-se com outros argumentos em favor de formas de conhecimentos que privilegiaram a busca do bem e da felicidade ou a continuidade entre sujeito e objeto, entre natureza e cultura, entre homens e mulheres e entre os seres humanos e todas as outras criaturas.

Ao olharmos o éthos de homens simples, trabalhadores do campo, percebe-se um grande projeto do humano desejando, potencialmente, ser o que simplesmente é: ser humano. Mas ao seu lado, percebe-se também uma parafernália tecnológica, racionalizante, química, que não faz parte dessas imagens. Contudo, não é apenas imagem, mas um imbróglio, potencializado pela força política e econômica, que coloca o agricultor nas suas entranhas e na ponta de uma cadeia produtiva da qual não pode escapar.

O “Sr. X” está preso em uma cadeia produtiva. Libertar-se, parece ser essa a sua compreensão. A vitória do modelo de desenvolvimento teve que crivar o sujeito de outros conhecimentos que não os tradicionais. A vitória do desenvolvimento forçou os sujeitos a tornarem-se estranhos de sua própria cultura e negarem o jeito de ser; reconhecê-los como atraso cultural.

Propriedade moderna é aquela mecanizada. Produtor moderno transforma a terra em empreendimento. Pena. A morte não leva apenas um

corpo, mas conhecimentos. Como forma de continuar na sua seara, a razão atribui a morte não a um modelo desenvolvimentista, mas aos desprazeres da pessoa; talvez às suas doenças.

## Referências

ALVES, S.R. **Avaliação dos resíduos de pesticidas organofosforados e carbamatos por metodologia enzimática no córrego de São Lourenço, Nova Friburgo – RJ, Brasil** [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2000.

BENJAMIN, C. Alberti, et al. **A opção brasileira**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. O que dizer quer falar. São Paulo: Edusp, 2003

BRANDÃO, C. R. Fronteiras da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, 2004.

CHIAVENATO, J. J. **O massacre da natureza**. São Paulo: Moderna; 1991.

\_\_\_\_\_. **A morte**: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

DURKHEIM, E. **Suicídio**: estudo sociológico. 2. ed., Lisboa: Presença, 1977.

FARIA, N. M. X; FACHINI, A. A; FASSA, A. G; TOMASI, E. Estudo transversal sobre saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha. **Cadernos de Saúde Pública** 2000, p.115-28.

FIOCRUZ. Sinitox divulga novos dados de intoxicação humana. Disponível em:

<[www.fiocruz.br/sinitox\\_novo/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=105&sid=107](http://www.fiocruz.br/sinitox_novo/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=105&sid=107)>. Acesso em: 07 jul. 2010.

FURTADO, T. Química do suicídio. **Revista Atenção Brasil**. Porto Alegre, 1998.

GAVIN, J. F. **Reflexões em torno do suicídio**: a linguagem e a ética do dano pessoal. São Paulo: Paulus, 2007.

GRISSOLIA, C. K. **Agrotóxicos**: mutações, câncer e reprodução. Brasília: Unb, 2007.

HABERMAS, J. **De el discurso filosófico de la modernidad**. Versión castellana de M. Jiménez Redondo, Taurus, 1989.

\_\_\_\_\_. **Direito e democracia**. Vol. II, p. 189.

LE GOFF, J.; NORA, P., (Dir). **Fazer História**. Lisboa: Bertrand, 1977. 3v. LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. México: Siglo XXI/UNAM/PNUMA, 1988.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia ambiental**. Trad. Sandra Valenzuela. 3.ed, São Paulo: Cortez, 2002.

MARX, K. **Do suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARANTE, P. **Ensaio**: subjetividade, saúde mental, sociedade. São Paulo: Fiocruz, 2006.

MEIRELLES, L. C. **Controle de agrotóxicos**: estudo de caso do estado do Rio de Janeiro, 1985/1995 [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-graduação e Pesquisa de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

MORIN, E. **Le paradigme perdu**: la nature humaine. Paris: Edition du Seuil, 1973.

MOURA, R.; MAGALHÃES, M. V. Leitura do padrão de urbanização do Paraná nas duas últimas décadas. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 88, set./out. 1996.

OLIVEIRA, D. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001. 113 p.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Manual de vigilância da saúde de populações expostas a agrotóxicos**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde, 1996.

POSSAS, C. A. Saúde e trabalho no campo: da questão agrária à política previdenciária. **Cadernos do Internato Rural**, 1983.

REVEL, J. **A invenção da sociedade**. Lisboa: Difel, 1990.

ROSENBERG B. O consumo de calmantes e o “problema de nervos” entre lavradores. **Revista de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.28, n.4, p.300-308, 1994.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a educação relacionada aos agrotóxicos em comunidades rurais. In: PERES F.; MOREIRA, J. C. (Org.). **É veneno ou é remédio?** Agrotóxicos, saúde e ambiente. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

SANTOS, B. de S. **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, J. C. dos. **O viver e o sagrado**: imagens do cotidiano no Extremo Oeste do Paraná (Dissertação

de Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1996.

\_\_\_\_\_. Agricultura química: o custo social do desenvolvimento. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 4., n. 7, 2005.

\_\_\_\_\_. **Luzes na floresta**: religiosidade como arte de governar no espaço colonial. Cascavel: Coluna do Saber, 2008.

\_\_\_\_\_. **Praticantes da escrita e construtores do espaço**: narrativas sobre o Homem e o território paranaense nas décadas de 1930 e 1940. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2002.

VELHO, Otávio Alves. Globalização: antropologia e religião. **Mana - Estudos de Antropologia Social**, v.3, n.1, 1997.